



Editorial

Caro leitor, seja bem-vindo a 15ª edição do **Newsletter Energia & Indústria Extractiva Moçambique**. A sua revista eletrónica que leva até si as notícias, reflexões e opiniões sobre o sector da energia em Moçambique e nos países passíveis de influenciar os mercados do petróleo e gás, entre outros recursos naturais que movimentam a economia.

O presente **Newsletter** chega até si através de uma simples solicitação enviada para status.energiamoz@status.co.mz, prontamente o seu nome e endereço são adicionados a nossa base de dados para posterior envio periódico do mais completo boletim de informação. Poderá encontrar-nos também no [facebook.com/energia.mocambique](https://www.facebook.com/energia.mocambique), e receberá as notícias.

Nesta edição, o conceito da maldição dos recursos domina o foco das grandes reflexões do momento; trazemos ainda a questão da exploração do gás natural e a necessidade da transparência, o regime fiscal, recurso no qual Moçambique tem interesse peculiar.

Para mantermos o nosso estimado leitor a par dos conceitos mais importantes no regime jurídico concernente ao sector da energia em Moçambique, como parte da nossa política editorial e no âmbito da ampliação do acesso ao direito a informação, trazemos até si as curiosidades sobre o sector da mineração.

Boa leitura

MALDIÇÃO DE RECURSOS OU MÁ GESTÃO:

Estará Moçambique imune a este fenómeno?!

A literatura contemporânea sobre o desenvolvimento é bastante vasta e rica na explicação sobre a desconexão entre o desenvolvimento e a abundância de recursos naturais. Economistas, Cientistas Políticos e outros estudiosos renomados denominam esse fenómeno por “maldição de recursos” ou “paradoxo da abundância” para explicar o fracasso ou a tendência de países e regiões especialmente, com abundantes recursos naturais não renováveis como o petróleo, gás natural e minerais apresentarem taxas de crescimento económico, níveis de desenvolvimento e democratização relativamente baixas comparando com os países com poucos recursos naturais (Soros: 2007; Sachs; Stiglitz; Humphreys: 2007).

A ideia de maldição de recursos, em oposição à da bênção, surge nos 1980 através de estudos comparados levados a cabo por vários cientistas e cultores da problemática de desenvolvimento. Mas, o termo “Resource curse”- maldição de recursos foi usado pela primeira vez pelo professor Richard Auty, em 1993, para descrever como os países ricos em recursos naturais não foram capazes de usar os seus abundantes recursos para impulsionar o crescimento económico e o desenvolvimento.

Esta tese é geralmente fundamentada por uma mescla

maldição por dois factores importantes:

1º “Doença Holandesa”, caracterizado pela elevação das taxas de câmbio, apreciação da moeda decorrente das receitas dos recursos, a estagnação de outros sectores económicos e desindustrialização.

2º Volatilidade - Os preços dos recursos naturais são vo-



de argumentos de natureza económica e política.

Do ponto de vista económico a abundância de recursos gera

lâtes e é difícil gerir tal volatilidade devido a flutuação de preços das mercadorias, como

Cont. pag. 2 ➔

PUB.

**PETROMOC
FAZ DO MEIO AMBIENTE
O SEU MEIO DE VIDA.**

Ao longo destes **35 anos** de existência, comercializamos produtos petrolíferos e seus derivados, sempre engajados no uso de tecnologias menos poluentes e amigas do ambiente.

petromoc 35 1977-2012
anos sempre presentes



argumenta Stiglitz (2006).

Aliado a estes dois factores largamente estudados pelos economistas, o professor Joseph Stiglitz, em seu ensaio intitulado "The Resource Curse Revisited" (2006) acrescenta um terceiro factor. Para Stiglitz, vencedor do Prémio Nobel de Economia 2001, existe uma tendência dos governantes nos países ricos em recursos naturais esforçarem mais em obter uma fatia grande do bolo - receitas provenientes exportação de recursos naturais - do que criar um bolo maior - aumentar riquezas reinvestindo em outros sectores, estimulando a diversificação da economia, crescimento económico e desenvolvimento. Isso originou guerras no passado.

Para sustentarem as suas posições os defensores da tese de maldição de recursos buscaram evidências empíricas através de estudos comparativos.

Stiglitz comparou a Indonésia com a Nigéria, e a Serra Leoa com o Botswana.

O autor refere que há 30 anos atrás, a Indonésia e a Nigéria, ambos dependentes do petróleo, possuíam renda per capita semelhantes. Actualmente, a renda per capita da Indonésia é quatro vezes maior que a da Nigéria. O padrão é semelhante para a Serra Leoa e o Botswana, ambos são ricos em diamantes. Mas, Botswana teve uma média de crescimento económico anual equivalente a 8.7% nos últimos 30 anos, enquanto a Serra leoa viveu décadas mergulhada em guerra civil alimentada pelos "diamantes de sangue". O caso dos países do Médio Oriente produtores de petróleo é bastante sintomático.

O professor Thorvaldur Gylfason, que trabalhou como Consultor para o Fundo Monetário Internacional (FMI) e para o Banco Mundial refere no seu estudo que entre 1965 a 1998, nos países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) o crescimento per capita bruto diminuiu em média 1.3% enquanto no resto dos Países em Desenvolvimento, o crescimento per capita foi em média 2.2%.

No mesmo diapasão George Soros (2007) argumenta que o fenómeno "maldição de recursos" é mais visível em África, porque a abundância de recursos serviu para alimentar guerras civis na República Democrática do Congo, Angola e Sudão, e corrupção endémica na Nigéria.

Do ponto de vista político, a abundância de recursos gera maldição porque os políticos (governantes) muitas vezes perseguem os seus próprios interesses em detrimento do interesse geral, interesse do povo - os donos dos recursos naturais. Nesses países há forte tendência dos governantes em querer permanecer a todo o custo no poder do que nos países em que não abundam os recursos naturais. Fomenta-se corrupção (pagamento de subornos, troca de favores), repressão popular e privatização ou captura do Estado pelos interesses particulares. ■

Ler mais na próxima edição da revista impressa Energia & Indústria Extractiva Moçambique...

Shell desiste da Cove Energy, mas mantém interesse no Gás Natural de Moçambique

A gigante petrolífera Shell voltou atrás na sua intenção de compra da participação da Cove Energy, companhia que detinha 8,5% do gás do Rovuma, ao anunciar que não participaria no leilão final para adquirir a empresa irlandesa, deixando o caminho aberto ao grupo PTT Exploration & Production PLC, da Tailândia.

No entanto, a medida não significa o abandono total do interesse pelo gás natural moçambicano, fontes seguras da agência de informação financeira norte-americana, Bloomberg, dão conta que o grupo anglo-holandês iniciou negociações para comprar parte ou a totalidade da participação de 36,5% do grupo norte-americano, Anadarko Petroleum, num bloco petrolífero em Moçambique.

Citando fontes ligadas ao processo, a agência adianta que o grupo Anadarko Petroleum está relutante em vender antes de conhecer os resultados de prospecções adicionais que estão a ser efec-

tuadas no bloco localizado na bacia do Rovuma e formalmente conhecido como Rovuma-1.

Caso a Anadarko Petroleum decida vender, os potenciais compradores terão



de despendar cerca de 8 mil milhões de dólares atendendo a que a participação de 8,5% no mesmo bloco ainda detida pela empresa irlandesa Cove Energy recebeu uma proposta de 1,7 mil milhões de dólares da Royal Dutch Shell, que desis-

Cont. pag. 3 ➔

PUB.

Captada nas Profundezas do Monte Melanine NAMAACHA.

Oferece à Humanidade a pureza.

Rica em sais filtrados lentamente nas entranhas das rochas.

Bo complemento nutricional.

Engarrafada na origem por: MULLOSA, Lda
Tel/Fax: 21 303 814
Cell: 84 303 8140
Melanine NAMAACHA MOÇAMBIQUE

Preservar da Luz: do Calor e de Odores Fortes

Fonte da Vida

PINGO DO MONTE®



ÁGUA MINERAL SEM GÁS

CONTEÚDO MINERAL:

Ph.....	7.35
Cálcio.....	2.40
Magnésio.....	2.44
Ferro.....	0.20
Sódio.....	50.00
Potássio.....	4.29
Bicarbonatos.....	73.81
Amónio.....	0.04
Nitrato.....	3.72
Clorato.....	38.60



2538174 044023

500ml

← **Continuado pág. 2**

tiu deste negócio, e de 1,9 mil milhões de dólares do grupo PTT Exploration & Production da Tailândia.

As fontes adiantaram que embora a Royal Dutch Shell tenha desistido da tentativa de compra da Cove Energy, este negócio com o grupo Anadarko Petroleum apresenta a vantagem acrescida de dar ao eventual comprador o controlo do bloco e

funcionar, além disso, como operador.

Os restantes parceiros nesse bloco, onde foram já descobertas reservas de gás natural de dimensão mundial, são a Mitsui & Co. do Japão, com 20%, as empresas indianas Bharat Petroleum Corp. e Videocon Industries Ltd. com 10% cada e a empresa estatal moçambicana Empresa Nacional de Hidrocarbonetos com 15%. (fontes: Bloomberg, Macauhub) ■



NIGÉRIA:

Shell instada a pagar USD5 bilhões após derrame de petróleo na costa sul do país

A entidade nigeriana que regula a exploração do petróleo instou a gigante petrolífera, Shell a pagar uma indemnização orçada em cerca de 5 biliões de dólares com vista a cobrir os estragos causados pelo derrame de petróleo em Bonga, na costa do sul do país, durante o mês de Dezembro passado.

A revelação foi feita durante uma audiência parlamentar sobre o assunto. Em Dezembro do ano passado, o incidente ocorrido no campo Bonga durante uma transferência de petróleo para um petroleiro deixou escapar um total de 40.000 barris de crude em pleno Oceano Atlântico, na costa sul-nigeriana.

De acordo com o porta-voz da Shell, não havia necessidade de se aplicar uma multa já que tudo havia sido feito de modo a evitar danos ambientais.

O campo de Bonga, operado pela Shell Companhia Nigeriana de Exploração e Produção (Snepc), subsidiária da Shell naquele país, é de aproximadamente 120 quilómetros ao longo do mar e, produz cerca de 10% das exportações de petróleo da Nigéria. O derrame foi contido antes de atingir a costa.

O chefe da Agência Nacional de Detecção e resposta aos derrames de petróleo da Nigéria pediu aos parlamentares comitê de meio ambiente da Câmara dos Representantes para aprovar a sua proposta. “Embora as medidas de contenção adequadas foram postas em prática para combater o derramamento de petróleo em Bonga, o incidente representou uma séria ameaça ambiental para os ambientes *off-shore*,” disse Peter Idabor

“As pessoas não podiam pescar após um longo período após o derrame”, disse mais. “É por isso que estamos a analisar os danos. Se as pessoas disseram que não vão pagar, que assim seja. Mas que-

remos deixar bem claro que é errado para eles dizerem que não podem pagar. Eles estão a negar que derramaram 40.000 barris de petróleo nas águas?”, questionou.

Mas a Shell disse não acreditar na existência de um “fundamento legal para tal multa”, alegando que, “a Snepc respondeu a este incidente com profissionalismo e agiu com o consentimento das respectivas autoridades em todos os momentos para evitar qualquer impacto ambiental, como resultado do incidente,” disse a Shell através de um comunicado enviado à BBC.

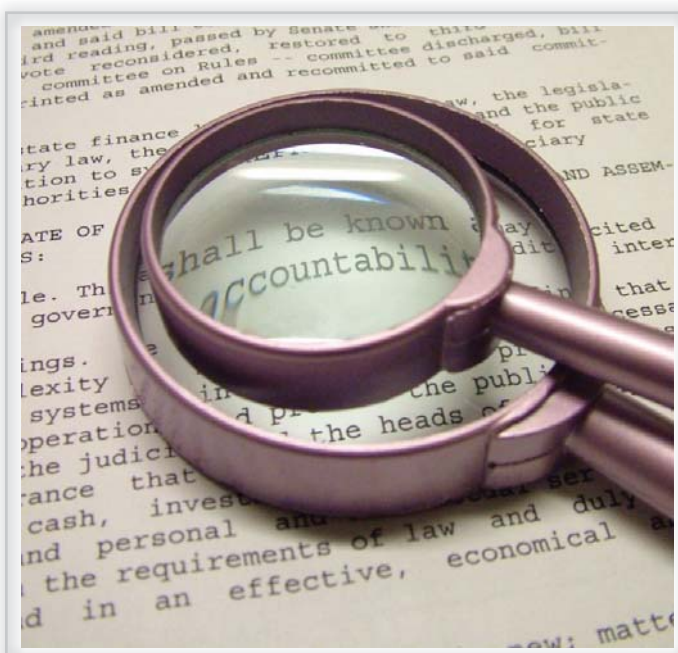
A maioria dos anteriores derrames de petróleo na Nigéria, um dos maiores produtores mundiais de petróleo, tem sido em terra. Sendo que muitos têm sido causados por sabotagem ou ataques de militantes. No ano passado, um relatório da ONU sobre derrames em Ogoniland referiu que a região pode levar 30 anos para se recuperar.

Em Março, os advogados que representam uma comunidade de pescadores em Ogoniland deram um início a um processo contra a Shell num tribunal de Londres devido a um dos mais recentes derramamentos de petróleo. (BBC) ■



Exploração do Gás Natural e a Transparência Fiscal

O Gás Natural vem se tornando uma fonte de energia global cada vez mais importante. É uma opção atraente do ponto de vista ambiental, tanto que até prevê-se um aumento rápido da própria demanda a nível mundial e, a oferta parece suficiente para atendê-la por várias décadas. Todavia, seu desenvolvimento se depara com dificuldades singulares, e diferentes das que se observam nos projectos de petróleo bruto, sobretudo devido a sua forte dependência em relação a uma infraestrutura cara de transporte e à falta de um preço formado num mercado amplamente estabelecido.



Sem contar as consequências económicas da natureza do suprimento de gás, essas características criam dificuldades únicas para o estabelecimento de um regime fiscal transparente. O gás natural, que pode ou não estar associado ao petróleo bruto num reservatório, é transportado por gasodutos ou, na forma de gás natural liquefeito (GNL), por navios-tanques.

O uso da tecnologia GTL (conversão de gás em líquido) vem ganhando aceitação como alternativa viável ao GNL para o processamento de gás de localidades remotas. Os contratos de GNL suscitam considerações diferentes das dos contratos de gás transportado por gasodutos, que muitas vezes envolvem negociações

multilaterais sobre os direitos de trânsito.

Ademais, a cadeia de contratos de GNL (produção e liquefação, transporte e terminal de recebimento) pode ser desdobrada em segmentos independentes, o que permite a concessão de financiamento por módulos.

No contexto das economias de mercado desenvolvidas da América do Norte e da Europa, a desregulamentação visando incentivar a concorrência em cada segmento da cadeia dos contratos de gás, combinada ao aumento da comercialização do produto, parece ter sido relativamente bem-sucedida, resultando em preços em geral mais baixos mas também menos voláteis.

Grande parte das reservas mundiais de gás natural é considerada inutilizável, pois sua localização remota, os altos custos de transporte e os riscos políticos muitas vezes elevados tornam inviável sua exploração comercial. Todavia, as perspectivas de exploração comercial desses recursos "inutilizáveis" melhoram com a elevação dos preços do gás e com os avanços tecnológicos que baixam gradualmente os custos das unidades de produção de GNL e GTL.

O factor geográfico, aliado à natureza indivisível e concentrada dos investimentos e a interdependência dos segmentos da cadeia de contratos (por exemplo, com exceção das empresas maiores, não se pode finalizar um contrato de produção até que se tenha garantido o transporte por navio-tanque), tende a criar um ambiente que favorece os acordos negociados, e não a licitação aberta.

Quando o consumo interno é um elemento importante dos projectos de gás natural, os preços do gás ao consumidor devem se basear, pelo menos, na recuperação total dos custos e, de preferência, nos preços internacionais. Do contrário, os subsídios para o uso interno do gás natural subdimensionarão as actividades do governo, distorcendo também a procura por energia e limitando a atractividade do recurso para os investidores do sector privado. (Extraído de Okogu (2002). ■

BREVES

Mercado: Vale produz 2,5 milhões toneladas de carvão no 2º trimestre



A produção de carvão pela mineradora Vale foi de 2,5 milhões de toneladas no segundo trimestre (alta de 5% ante o trimestre anterior), mas o níquel decepcionou as projecções, ficando em 3,6% abaixo do primeiro trimestre, com 61 mil toneladas.

A mineradora informou que a evolução das novas operações em Moatize (Moçambique), Omã e Bayóvar foi fundamental para os recordes na produção de carvão metalúrgico, pelotas e rocha fosfática. (Folha de SP - Denise Luna) ■

Equador rompe sanções e compra petróleo ao Irão

O Equador anunciou que pretende romper o embargo económico imposto ao Irão pelos países do Ocidente, dando seguimento a compra avaliada em cerca de USD400 milhões em petróleo iraniano.

"O Equador é uma nação soberana e pode manter relações com qualquer país no mundo", disse Pedro Delgado, o presidente do Banco Central equatoriano. (Valor Económico - Internacional) ■

MINERAÇÃO:

Poderão os países produtores de petróleo em Africa evitar a “Maldição dos Recursos”?

Quando a Guiné Equatorial descobriu o petróleo na década de 1990, o país foi transformado para sempre de uma sonolenta ex-colônia espanhola em um estado de petróleo. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do país era de uma taxa impressionante de 71%, em 1997, segundo o Fundo Monetário Internacional, quase que totalmente oriundo das receitas do petróleo. Até 2009, o país foi ganhando mais de USD8 bilhões por ano a partir da matérias-primas.

Mas a riqueza só enriqueceu e entrincheou o então presidente autoritário da Guiné Equatorial, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, que esteve no poder há mais de 30 anos, ao fazer pouco para melhorar a vida dos cerca de 685.000 cidadãos daquele país africano.

No ano passado, o país ocupou o 136º lugar na lista de 187 países de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas. Outros países produtores de petróleo, incluindo Angola, Sudão e República Democrática do Congo, se encontram em posições piores.

O chefe do Programa de África da Chatham House, em Londres, Alex Vines, disse que os cidadãos perdem quando os governos fazem mau uso das receitas do petróleo para o consumo próprio, ao invés de desenvolvimento dos seus países.

“Edifícios de prestígio, bens de luxo, estes têm sido na realidade o tipo de caricatura de como os países têm utilizado estas receitas”, disse Vines.

“O Gabão, por exemplo, teve o maior consumo de champanhe no mundo por um tempo, todos financiados pelo petróleo”, rematou.

A DIFÍCIL TAREFA DA GESTÃO DAS EXPECTATIVAS....

Um fosso crescente entre ricos e pobres, corrupção desenfreada e lutas internas pela liderança autoritária são todos os sintomas da chamada “maldição dos recursos”, quando uma descoberta que deve beneficiar a população acaba fazendo mais mal do que bem.

“O problema do petróleo e dos minerais é que muito rapidamente, enormes montantes, fluxos rápidos de dinheiro resultam da exploração desses recursos naturais e a capacidade de gerir isso de maneira que os cidadãos colham os benefícios desses

recursos nem sempre está presente”, diz Brendan O'Donnell do grupo de monitoria dos recursos naturais da organização Global Witness.

As novas descobertas de petróleo no Quênia e na Costa do Marfim e do gás natural, ao largo da costa da Tanzânia e de Moçambique, têm gerado muita emoção nos últimos meses, com os países divulgando as descobertas como um factor de orgulho.

“Eu acho que é um pouco como nos velhos tempos, quando cada país queria as suas próprias companhias”, diz Vines.

“Certamente, fazendo uma leitura da imprensa queniana, a tamanha euforia relacionada com a descoberta do petróleo é um pouco preocupante, eu acho.”

A verdade é que mesmo os países que são relativamente novos para o jogo do petróleo têm mostrado um comportamento desconcertante.

O Uganda descobriu petróleo, em 2006, e deve iniciar a produção em três a cinco anos. Mas a falta de transparência em contratos de petróleo está a aumentar a preocupação sobre se o governo está a agir no melhor interesse das pessoas.

“Houve muita conversa e expectativa da última vez, e a informação disponível sobre o sector de petróleo ainda não é suficiente”, diz Lawrence Bategeka, pesquisador sênior do Centro de Pesquisa de Políticas Económicas, em Kampala. “A informação liberada ao público não é suficiente”, acrescentou.

Nos últimos tempos, o parlamento ugandês tem vindo a forçar o governo a revelar os detalhes de contratos de petróleo assinados

com empresas internacionais.

Bategeka disse que os cidadãos estão descontentes com a relutância do governo em cooperar.

“Mas é claro que o governo tem uma explicação”, disse o pesquisador ugandês. “Quando perguntei por que escondem a informação? Eles alegam preocupações de segurança, mas o público lá fora, não aceita isso como uma boa explicação.”

Uma Janela de oportunidades....

Descobrir o petróleo não é como ganhar na loteria. A indústria é sensível aos caprichos dos mercados internacionais e a demanda da Europa, Ásia e América do Norte.

O Economista-Chefe e Vice-Presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), Mthuli Ncube, disse que com os preços actuais do petróleo relativamente altos, países produtores de petróleo em África comportaram-se bem nos últimos anos, e recuperaram-se das perdas sofridas durante a crise financeira global, há três anos.

“Mas daqui para frente”, disse Ncube, “com o abrandamento do preço do petróleo, talvez até mesmo o abrandamento do crescimento económico na China, isso obviamente pode vir a afectar as perspectivas de crescimento dos países africanos.”

Em Angola, onde a indústria do petróleo responde por 90% da produção económica, o governo acumulou cerca de USD 9 bilhões em pagamentos do contratante durante o pico da crise financeira em 2009.

Neste contexto, o primeiro conselho de Ncube é **diversificar**.

O economista-chefe do BAD diz que as economias não devem se tornar dependentes de uma matéria-prima, observando o progresso na Nigéria, maior exportador de petróleo em África.

“[A Nigéria] está a diversificar-se, lenta mas seguramente”, diz ele. “O sector de tecnologias, serviços e agrícola, estão a competir com o sector de petróleo em termos de tamanho e contribuição.”

O'Donnell, da Global Witness, diz que as ressalvas da gestão dos recursos não são apenas sobre a promoção de benefícios sociais, mas também sobre como fazer mais com uma oportunidade económica. “Esses recursos têm uma vida útil, que vai acabar em algum momento”, diz O'Donnell. “Se o seu país perde a oportunidade de beneficiar dos recursos, você não pode tê-la de volta. Você perdeu aquele momento. (VOA adaptado) ■

Para o futuro: Uma nova era do petróleo está a caminho

Numa pesquisa intitulada “Petróleo: A Nova Revolução”, um pesquisador italiano da Universidade de Harvard nos Estados Unidos, de nome Leonardo Maugeri, faz previsões audaciosas e contraria a teoria de que a era do combustível fóssil está próxima do fim...

Um estudo recém-publicado sobre o volume das reservas de petróleo e as novas descobertas no mar, nas rochas e nas areias está a causar alvoroço no mundo acadêmico. A pesquisa feita pelo pesquisador italiano, Leonardo Maugeri, afirma categoricamente que não só o fim da era do petróleo está longe, como o aumento da capacidade de produção alcançará quase 20% nos próximos oito anos, uma taxa de crescimento que não se vê e da qual não se fala desde a década de 1980.

Isso significa, nas contas do pesquisador, que o mundo poderá produzir 110,7 milhões de barris de petróleo por dia em 2020. Maugeri redigiu o relatório durante o ano sabático que tirou para estudar na Universidade de Harvard. Até então, o italiano era um dos altos executivos da petrolífera ENI, a maior empresa do setor no seu país.

“Ao contrário do que a maioria das pessoas acredita, a capacidade de fornecimento de petróleo está a crescer mundialmente a níveis sem precedentes, e poderão até superar o consumo”, diz Maugeri no seu estudo.

O argumento do pesquisador italiano é calçado em dois pontos que se interligam. O primeiro é a descoberta de novas reservas no mundo ocidental, não apenas de petróleo convencional, como é o caso do encontrado na camada pré-sal brasileira, mas também de jazidas de gás da rocha xisto, nos Estados Unidos, e as areias betuminosas do Canadá. Todas elas são novas formas de petróleo encontradas na natureza e que diferem do líquido negro e pastoso que jorra da terra.

Tais reservas correspondem às chamadas fontes não convencionais do combustível fóssil, que exigem avançados processos tecnológicos e químicos para sua extração. Isso leva ao segundo ponto defendido pelo pesquisador: de que o surgimento de fontes não-convencionais fará com que o Ocidente transforme-se no novo “centro de gravidade” da produção e exploração de petróleo global, diminuindo a dependência da oferta proveniente do Médio Oriente. Segundo o pesquisador, estima-se que haja no planeta 9 triliões de barris de combustível fóssil não-convencional. O mundo tem capacidade para produzir, actualmente, 93 milhões de barris por dia – ou 34 bilhões de barris/ano.

Maugeri não sugere que o Iraque ou a Arábia Saudita terão queda em sua capacidade de produção. Muito pelo contrário. As perspectivas para ambos os países são de um acréscimo de 6 milhões de barris/dia de petróleo até 2020. Contudo, graças ao avanço da oferta no Ocidente, o pesquisador argumenta que o mundo ficará menos sujeito à volatilidade de preço do barril trazida por questões geopolíticas que afectam os países árabes.

“Isso fará com que a Ásia seja o mercado de referência para o petróleo árabe e a China se transforme em nova protagonista nas questões políticas da região”, afirmou o pesquisador ■



ENERGIA ALTERNATIVA

Gás de Xisto pode afectar expansão de energias limpas

Entre a série de questões ambientais que a revolução do Gás de Xisto suscita, uma das mais significativas ainda é a mais difícil de ser respondida: será que esta nova fonte de energia vai afectar os investimentos em energias renováveis necessários para enfrentar as mudanças climáticas?

A promessa de gás natural barato e abundante eclodiu no cenário energético global bem no momento em que as energias renováveis alcançam feitos que alguns pensavam ser impossíveis. Os investimentos em energias limpas atingiram o recorde de USD260 bilhões no ano passado, em comparação a menos de USD60 bilhões, em 2004. Mais capacidade de geração de energia solar foi instalada, em 2011, do que em todo o planeta até 2009.

As energias solar, eólica, geotérmica e outras formas de energias renováveis ainda são pequenas, produzindo apenas 3% da eletricidade consumida no mundo, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), o organismo que monitora o sector no mundo (a energia hidroeléc-

trica responde por outros 16%). Até agora há poucas evidências concretas de que isso esteja a afectar o crescimento das energias renováveis.

Em jeito de análise, observe-se que desde 2005, quando a produção de gás de xisto começou a decolar, a geração de electricidade a partir do gás aumentou 270 terawatt/hora nos Estados Unidos, enquanto a geração a partir do carvão caiu 250 terawatts/hora, segundo Laszlo Varro, director da divisão dos mercados de gás, carvão e electricidade da AIE. No entanto, ao longo do mesmo período, a electricidade gerada por meios renováveis não hidroeléctricos, como a energia solar e a energia eólica, aumentou em 100 terawatts/hora. Fonte: *Financial times/Valor Económico* ■

RECURSOS NATURAIS:

Um planeta não é suficiente...

Os seres humanos consomem, a cada ano, um montante de recursos naturais 50% superior ao que a Terra pode produzir de forma sustentável nesse mesmo período e a terra leva um ano e meio para repor recursos consumidos anualmente, os dados são do World Wild Forum (WWF).

De acordo com o relatório Living Planet, a Terra leva um ano e meio a repor todos os recursos que a população mundial consome a cada ano. Para muitos ambientalistas, a cimeira Rio+20, que teve lugar no Brasil, no mês de Junho, foi uma oportunidade para os países proporem melhorias para proteger a natureza e o nosso futuro.

Nas quatro últimas décadas, a humanidade testemunhou um crescimento e uma prosperidade sem precedentes. Entretanto, a economia mundial triplicou e a população cresceu até aos 7 mil milhões. Esta evolução foi acompanhada pelo aumento da poluição ambiental, crescimento do efeito de estufa e degradação dos recursos naturais.

Mas o actual modelo de crescimento e a má gestão dos recursos naturais pode, em última instância, minar o desenvolvimento humano por isso: Algo tem de mudar!

O relatório Perspectivas Ambientais da OCDE para 2050 coloca a questão: **“O que acontecerá nas próximas quatro décadas?”** Baseado em modelos conjuntos da OCDE e da Netherlands Environmental Assessment Agency (Agência de Avaliação Ambiental da Holanda), esta perspectiva lança um olhar até ao ano 2050 para descobrir o que a evolução prevista da demografia e da economia pode representar para o ambiente, se o mundo não adoptar políticas verdes mais ambiciosas.

Em 2050, espera-se que a população da Terra aumente até aos 9 mil milhões e que a economia mundial cresça quase quatro vezes. Portanto, evidentemente, procura de energia e recursos naturais será cada vez maior.

As projecções apontam para quase 70% da população mundial a viver em zonas urbanas em 2050, ampliando ameaças como a poluição atmosférica, o congestionamento de tráfego e a

gestão deficiente de resíduos.

As projecções indicam um abrandamento das taxas médias de crescimento do PIB na China e na Índia. Mas em África podem-se verificar taxas mais elevadas entre 2030 e 2050.

Nos países da OCDE prevê-se que, em 2050, a população com mais de 65 anos de idade suba dos 15% actuais para mais de 25%. Na China e a Índia também se prevê um envelhecimento, enquanto se espera um rápido aumento das populações jovens noutras partes do mundo, principalmente em África.



Estas mudanças demográficas, em conjunto com padrões de vida mais elevados, implicam maior consumo e exigência de recursos, o que terá consequências significativas para o ambiente. Uma economia mundial quatro vezes superior à actual irá consumir mais 80% de energia em 2050. Sem políticas mais eficazes, a parcela de energias fósseis no paradigma energético manter-se-á em cerca de 85%.

As economias emergentes do Brasil, Rússia, Índia, Indonésia, China e África do Sul (os “BRIICS”) serão as principais utilizadoras de energia. Para alimentar uma popula-

ção em crescimento, deverá expandir-se o uso da terra para fins agrícolas na próxima década, embora a um ritmo em abrandamento.

No cenário de Referência do estudo da OCDE, as pressões do crescimento demográfico e de elevação dos padrões de vida sobre o ambiente ultrapassarão os progressos na redução da poluição e na eficiência da gestão dos recursos. Por isso prevê-se a degradação e erosão contínuas do capital do ambiente natural até 2050, com o risco de ocorrerem alterações irreversíveis que podem colocar em risco dois séculos de melhoria dos padrões de qualidade de vida.

Agir agora é ambiental e economicamente racional. Por isso o relatório da OCDE sugere que, se os países actuarem agora, há uma probabilidade - embora em recessão - de as emissões globais de gases com efeito de estufa atingirem o pico em 2020, limitando o aumento da temperatura média mundial a 2°C. Aconselha também a fixação de um preço global do carbono, o que poderia baixar em quase 70% as emissões em 2050. Isto iria abrandar o crescimento económico anual em 0,2 pontos percentuais, em média, com custos aproximados de 5,5% do PIB em 2050.

O preço será pouco relevante se o compararmos com os custos da inactividade, que algumas estimativas indicam poderem ascender a 14% do consumo médio per capita mundial. **O melhor mesmo é a humanidade começar agora.** Dias antes da realização da cimeira no Rio, a comissária Europeia do Clima, Connie Hedegaard sugeriu: “usemos a próxima cimeira Rio+20 como pontapé de saída para a transição global para o modelo de crescimento sustentável no século XXI que o mundo tanto necessita”, mas a cimeria presidida pela primeira presidente do Brasil não terá logrado os objectivos pretendidos por grande parte dos países, ONGs, ambientalistas, grupos de cientistas, entre outras entidades, pelo menos na sua plenitude. *Por: José Miguel Dentinho, JN.* ■

**Photo Legend**

Status Consultores de Comunicação, Lda. won the International Quality Summit Award in New York in the presence of business leaders and representatives from 76 countries. At the International Quality Summit Convention, Inguila Sevene, Administrator of Status Consultores de Comunicação, Lda. proudly received the distinction symbolizing quality and innovation from the President and C.E.O. of Business Initiative Directions, Jose E. Prieto. From the left to the right Norman Ingle, President of the Quality Mix, Inguila Sevene, Jose E. Prieto and Craig Miller, President of the QC100.

BID: O PODER DA QUALIDADE

Status Consultores de Comunicação, Lda., vencedora do Prémio Internacional de Qualidade da BID, em Nova Iorque

A Revista americana IdeiasB2B divulgou recentemente numas das suas publicações IMARPRESS, uma reportagem referente a premiação da Status Consultores de Comunicação Lda, empresa-mãe do Projecto Media Energia Moçambique. A reportagem analisa a repercussão mediática que tem o facto de ganhar o Prémio Internacional à Qualidade da BID em Nova Iorque. A cidade norte-americana sediou a International Quality Summit Award para premiar os profissionais altamente qualificados que estão envolvidos em grandes projectos e cujas decisões afetam milhões de pessoas em todo o mundo e cujo trabalho atende aos critérios da ISO 9000 e do modelo TQM QC100.

A revista refere que, Inguila Sevene, Administrador da Status Consultores de Comunicação, Lda., uma empresa líder no seu sector em Moçambique, aceitou, orgulhosamente, o Prémio Internacional de Qualidade na Cimeira Internacional de Qualidade, em Nova York. A Business Initiative Directions (BID), organizadora do evento, escolheu a cidade cultural e económica mais importante do mundo. Nova York é o ponto de referência para negócios internacionais. Com uma população de mais de 8 milhões de habitantes dentro de uma área de 1.214 quilómetros quadrados, destaca-se entre outras cidades cosmopolitas, por albergar edifício-sede das Nações Unidas e com o seu mercado de ações, Wall Street, como o centro da economia global. É também um centro cultural e de entretenimento com uma riqueza de monumentos de grande valor histórico: a Estátua da Liberdade, Rockefeller Center, o Empire State Building, seus museus, com particular destaque para o impressionante Museu de Arte Moderna (MOMA), o centro de produções teatrais (a famosa Broadway) e alberga ainda o enclave mediático mais visitado do

mundo, o Times Square, todos estes elementos fizeram de Nova Iorque a cidade ideal para a BID apresentar os prémios internacionais de qualidade as empresas nomeadas.

Segundo a IdeiasB2B, o foco principal do Modelo de Gestão da Qualidade Total QC100 é um compromisso de qualidade e inovação, características possuído por todas as empresas vencedoras em Nova York em 2012 que servem como exemplos para outras empresas que desejam progredir na constante mudança e desafios económicos, tecnológicos e ambientes de negócios. As empresas premiadas pelo BID não são apenas bem-sucedidas, mas também servem como motivação para o resto da comunidade global de negócios, contribuindo para as economias dos seus países e desenvolvendo tecnologias e inovações que transformam o mundo.

A revista diz ainda que um exemplo claro disso pode ser visto dentro da Status Consultores de Comunicação, Lda. que fornece um espírito de inovação e crescimento positivo, exatamente o que precisamos para superar a actual situação económica mundial.

De forma detalhada a revista conta que, Inguila Sevene ergueu-se, orgulhosamente diante da comunidade internacional presente na convenção de Qualidade Internacional 2012 em Nova York, compartilhando as conquistas da Status Consultores de Comunicação, Lda., bem como os planos e metas para o futuro da empresa. Salientando que, em vez de ceder a situações negativas ou as pressões da economia global atual, a Status Consultores de Comunicação Lda passa todos os dias excelência em qualidade e criando uma vantagem competitiva, uma indicação clara de seu papel afirmativo como um líder. Por esta razão, a Status Consultores de Comunicação, Lda. foi nomeada vencedora do Prémio Internacional de qualidade 2012, realizado em Nova Iorque; um prémio que a BID presenteia para as empresas de todo o mundo que melhor aderem ao espírito de excelência e inovação nas suas práticas, colocando sempre a qualidade dos serviços em primeiro lugar. ■

Concessão Mineira

- É uma concessão mineira concedida a uma determinada empresa nos termos e sujeita a Lei de Minas e aos contratos e condições do contrato com essa empresa em relação a área da concessão mineira.

Contrato Mineiro

- É o contrato e todos os seus anexos e quaisquer modificações e emendas feitos em qualquer momento nos termos desse contrato.

Dados Mineraiis

- São todos os registos dos furos, mapas incluindo secções de perfurações, fotografias aéreas e imagens satélites, fitas magnéticas, amostras bem como toda a e outra informação geológica, geoquímica, geofísica, e outra informação incluindo interpretações e análises preparadas ou obtidas pela e ou para uma determinada empresa no decurso das operações de prospecção e pesquisa, desenvolvimento e operações de mineração.

Lei de Minas

- É a Lei n.14/2002, de 26 de Junho.

Licença de Prospecção e Pesquisa ou LPP

- É a licença de prospecção e pesquisa sujeita a Lei de Minas e o disposto num determinado contrato.

“Lei Aplicável” num Contrato Mineiro

- É a lei de minas e outras leis, regulamentos, diretrizes, e outros instrumentos legislativos, incluindo decretos, diploma, normas, regulamentos, despachos normativos, resoluções, posturas, avisos e outras diretrizes e padrões similares cuja observância é obrigatória, desde que tenham sido publicados no Boletim da República, e disponibilizadas para distribuição ao público em geral, e tenham força vinculativa.

Recurso Mineral

- É qualquer substância sólida, líquida ou gasosa, formada na crosta terrestre por fenómenos geológicos ou a ele ligados, excluindo o petróleo bruto, gas natural, ou outros hidrocarbonetos conforme definido e sujeito na lei 3/2001 de 21 de Fevereiro, produzidos a partir do petróleo bruto ou gás natura, argila e areias betuminosas.

Produto Mineral

- é o carvão extraído da área de um determinado contrato que seja moído e levado ou de outra forma susceptível de ser vendido e que seja sujeito ao pagamento de imposto sobre a produção.



Ficha Técnica

Concepção Maquetização e Produção
STATUS-Consultores de Comunicação

DISP. REG. Nº 5 GABINFO/DEC/2008

Morada: Av. 25 de Setembro, nº 1123
Prédio Cardoso
Telef.: +258 21 32 71 16/ 17
Fax: +258 21 32 71 17
Director: Ingula Sevene
Editor: Aunorio Simbine
Colaboradores: Nelson Charifo e Alexandre Dundero
Maquetizador: Luis Filipe Tembe
Email: status.energiamoz@status.co.mz
Website: www.energiamocambique.co.mz
www.status.co.mz



Com excelência
e orgulho,
produzimos
energia limpa
e geramos
riqueza.

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA
O Orgulho de Moçambique



www.hcb.co.mz